

## GALANTE DE SOUSA LÊ MACHADO DE ASSIS

### A letra vencida

Os professores Marcelo e Cibele de Ipanema, em escrito intitulado "O jovem Machado de Assis chamado a juízo", no *Mensário do Arquivo Nacional* (novembro de 1973), referem as circunstâncias em que o cronista do *Diário do Rio de Janeiro* teve protestada uma letra de seu aceite em 1861.

Já conhecíamos o fato desde 1954, quando, por indicação do próprio Marcelo de Ipanema, examinamos no Arquivo Nacional a papelada desse protesto de letra. Então, como agora, não encontramos resposta razoável para a pergunta que fará quem se inteirar da maneira pela qual agiu o devedor, pergunta já formulada pelos dois autores no seu artigo: por que se teria deixado condenar à revelia o moço escritor? Julgo, entretanto, não de todo inúteis algumas considerações em torno do episódio, menos pelo fito de justificar a atitude de Machado de Assis do que pelo desejo de não deixar em branco uma pergunta inevitável e incômoda. Antes, porém, é necessário recordar os pormenores do caso.

No dia 15 de março de 1861 Joaquim Maria Machado de Assis ficou devendo a Antônio Gonçalves de Melo a importância de 79 mil réis, "valor de mim recebido" – dizia o agiota – "em moeda corrente". Assinou então uma letra de vencimento a trinta dias, obrigando-se, em falta de pagamento nesse prazo, ao juro de cinco por cento ao mês.

Quatro meses passados, não se tendo cumprido o ajuste, Antônio Gonçalves de Melo, por seu procurador, Joaquim Jácomo d' Abreu e Silva, solicitou ao juiz de paz da Candelária que mandasse citar o devedor, "visto que é ele empregado no *Diário do Rio*, distrito desta freguesia", o que foi feito a 17 de agosto "em própria pessoa" pelo oficial competente.

A 20 do mesmo mês Machado de Assis faltou à audiência de conciliação, em face do quê foi requerida ao juiz da 2ª Vara Comercial a citação do réu para "assinar os

dez dias da lei" à dita letra e "para dentro deles alegar os embargos que tiver, sob pena de revelia". E ele, notificado outra vez "em própria pessoa" pelo oficial de justiça José Antônio Madureira, "ficou bem ciente e recusou a contrafé".

Nova audiência a 6 de setembro não teve o comparecimento do devedor, que também "dentro dos dez dias nada alegou" conforme o escrivão Joaquim Ferreira Pinto certificou a 17 daquele mês. Assim, conclusos os autos, na audiência de 27 Machado de Assis foi condenado à revelia, num montante de Rs. 125\$333,<sup>1</sup> correspondente ao principal, juros e custas.

O fato não teve divulgação. Pelo menos, não apareceu nas notícias de protestos de letras e cobranças judiciais, que eram publicadas ordinariamente nos mais importantes órgãos da imprensa carioca.

Antônio Gonçalves de Melo, sediado à rua da Alfândega, 48, parece que não tinha larga praça nem pouso muito certo, pois o *Almanaque de Laemmert* o anuncia a cada passo em diferente endereço: 1862, na rua do Fogo (atual Andradas), 57; 1863, no beco do Bragança, 30, etc. Também, pelo que informam os dois articulistas, baseados na documentação existente no Arquivo Nacional, o feitiço andava contra o feiticeiro nos processos movidos contra o agiota, inclusive para cobrança de títulos vencidos.

Outra circunstância para lembrar é que, dentro do próprio Juízo do Comércio, Machado de Assis encontraria um confrade na literatura. Era Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, escrivão da 1ª Vara Comercial, localizada no mesmo prédio em que funcionava a 2ª Vara, por onde correu o protesto da letra, à rua do Cano (hoje Sete de Setembro), 39. Desconhecemos o grau de amizade ou intimidade entre o jornalista do *Diário do Rio* e o autor de *Maria ou a menina roubada*, este quase duas vezes mais velho que aquele. Mas a Teixeira e Sousa, é razoável supor, não seria indiferente o jovem poeta, irmão na cor e na pobreza, que seis anos antes lhe dedicara o poema "O gênio adormecido", publicado na *Marmota Fluminense*. É perfeitamente admissível uma aproximação, maior que simples conhecimento literário, entre ambos, fiéis colaboradores da *Marmota* e muito ligados a Paula Brito, diretor do jornal. Que relacionamento com o caso terá tido o romancista d'*O filho do pescador*?

Muito se pode perguntar também em torno do motivo do empréstimo. Seriam as

despesas com a publicação de *Queda que as mulheres têm para os tolos* ou de *Desencantos*, respectivamente em junho e setembro daquele ano? Que relação poderá haver entre a dívida e algum desengano amoroso de que parecem ser testemunhas essas duas obras? Teria servido aquele dinheiro para cobrir alguma brecha financeira, deixada talvez com os gastos da corte a alguém que, como a Clara de *Desencantos*, preferiu outro menos poeta e mais abonado que o Machadinho? A ser isso verdadeiro, estarão certos alguns biógrafos do romancista quando o imaginam às voltas com as artistas do famigerado *Alcazar*? O empréstimo terá sido para o próprio Machado, ou para as aperturas de algum amigo?

Por aquela época, ele deve ter ido morar com Francisco Ramos Paz. O protesto da letra seria a oportunidade de sabermos onde residia o cronista do *Diário do Rio de Janeiro*, se o endereço que figura no processo não fosse apenas o do jornal. E aqui nova pergunta: aquele dinheiro teria a finalidade de solver compromissos assumidos com a mudança de residência?

O caso deve tê-lo marcado profundamente. Na sua obra, por vezes tão autobiográfica, entre as alusões aos credores impiedosos e aos avarentos sem escrúpulos, ficou mesmo uma disfarçada lembrança do fato. Vinte e um anos depois, entre 31 de outubro e 30 de novembro de 1882, Machado de Assis publicou n'*A Estação*, do Rio de Janeiro, o conto "Letra vencida", provavelmente um "fundo de gaveta". O assunto é diverso, mas certas circunstâncias coincidem com as do caso da letra protestada. Eduardo, o protagonista, tem 21 anos, idade de Machado de Assis à época do empréstimo, e o episódio se passa em abril de 1861, mês e ano do vencimento da dívida. Eduardo e Beatriz amam-se, mas os pais de ambos os destinam a casamentos diferentes. O moço vai estudar em Heidelberg. Na véspera da partida os namorados juram esperar um pelo outro. Dezoito anos depois reencontram-se, mas já não são os mesmos. Enfim, "vencida a letra, era razoável pagar; era mesmo obrigatório", diz o autor. E casam-se.

Não nos parece que as coincidências apontadas sejam simples obra do acaso. Ao escrever essa história, o autor estaria certamente recordando o compromisso que deixara de saldar. Qualquer explicação que se encontre para a atitude do devedor não há de ter

---

<sup>1</sup> Leia-se: cento e vinte e cinco mil e trezentos e trinta e três réis. Nota desta edição.

afastado o recalque daquele fracasso. O conto, com título tão coincidente, mostrando que na hora de pagar nem sempre as circunstâncias são as mesmas do momento do ajuste, foi talvez a janela que arejou a consciência.

Todos podemos avaliar as dificuldades por que há de ter passado o Machadinho do *Diário do Rio*. Nada de estranhável existe em que alguém não tenha podido pagar uma dívida. O que se procura conhecer é a causa da sua recusa pública a uma conciliação, deixando-se condenar à revelia. O que nos custa aceitar é aquela atitude que, ao primeiro exame, oferece um retrato do homem em contradição com a imagem à qual ele mesmo nos habituou por sua forma de agir metódica e equilibrada.

É possível que o devedor haja procurado extra-oficialmente um acordo com o credor e que este, inflexível, tenha exigido, para uma acomodação do pagamento, condições fora das disponibilidades financeiras daquele. Ninguém desconhece os caminhos secretos do câmbio negro de certo tipo de agiotagem, velho como Adão. Além disso, não se empresta dinheiro sem garantias, e no caso não existiu avalista. Terá havido então algum penhor, com o qual o agiota se deu por satisfeito, talvez até bem pago, e o devedor se pôde considerar remido?

Várias particularidades da biografia de Machado de Assis sempre nos levaram a ver nele uma boa formação moral. À timidez, tão característica do seu temperamento, ou, ao contrário, a certa imprudência da idade jovem, ou ainda ao conselho de alguém, é possível que se deva aquela revelia. Na verdade, se não houve com que saldar o débito, nem talvez a perspectiva de um acordo razoável, a decisão melhor provavelmente foi aquela, que evitou mais um vexame.

Nem vale a pena de nos alongarmos em outras considerações, sem termos à vista os dados que nos permitam um juízo exato. Aguardemos que o acaso nos leve à explicação de mais esse pormenor biográfico, entre tantos que o escritor sepultou no esquecimento.

### **Os primeiros versos de Machado de Assis**

Quando elaboramos a *Bibliografia de Machado de Assis* (Rio de Janeiro, 1955),

admitimos que, "até melhor aviso", a primeira produção literária do autor de *Dom Casmurro*, cronologicamente, fosse "A palmeira", poema datado de "6 de janeiro de 1855" e publicado na *Marmota Fluminense* de 16 do mesmo mês e ano.

Agora, decorridos tantos anos do aparecimento daquela *Bibliografia*, algumas informações precisam ser modificadas. Assim, aos 1286 títulos ali relacionados será necessário acrescentar outros, resultantes da pesquisa de Augusto Fragoso, Jean-Michel Massa, R. Magalhães Júnior, Josué Montello, Pínio Doyle, etc. Assim também, no tocante àquela prioridade, uma retificação se faz urgente, pois encontramos no número de 3 de outubro de 1854 do *Periódico dos Pobres* este soneto com a assinatura *J.M.M. Assis*:

SONETO - À Ilma. Sra. D. P. J. A.

Quem pode em um momento descrever  
Tantas virtudes de que sois dotada  
Que fazem dos viventes ser amada  
Que mesmo em vida faz de amor morrer!

O gênio que voz faz enobrecer,  
Virtude e graça de que sois c'roada  
Vos fazem do esposo ser amada  
(Quanto é doce no mundo tal viver!)

A natureza nessa obra primorosa,  
Obra que dentre todas as mais brilha,  
Ostenta-se brilhante e majestosa!

Vós sois de vossa mãe a cara filha,  
Do esposo feliz, a grata esposa,  
Todos os dotes tens, ó Petronilha.

Não sabemos quem tenha sido essa D. Petronilha, destinatária do poema, que, diga-se a verdade, nada acrescenta à glória literária do autor. O saldo positivo dessa publicação é, sim, a soma de mais um título aos seus trabalhos literários, com a circunstância de trazer, ainda talvez "até melhor aviso", a marca da prioridade no tempo.

Vale lembrar também que a data da publicação desse poema vem confirmar quão cedo se manifestou a vocação literária em Machado de Assis, vocação jamais

traída em 54 anos de carreira. Aos defeitos que o soneto contém sirva de desculpa o fato de que o autor tinha pouco mais de 15 anos. Quase uma criança. Além disso, e apesar de tudo, esses versos não fizeram muito má figura naquele jornal, onde os outros colaboradores, mesmo aqueles que tinham maior tirocínio nas letras, primavam pela frouxidão da forma e penúria das idéias.

Machado de Assis frequentou não poucas vezes esse tipo de homenagem. "A Francisca", "A Guiomar", "A uma senhora que me pediu versos", "Maria", etc., são outros tantos espécimes em que a destinatária é também assunto do poema. E de todos, não há dúvida, o mais perfeito é o soneto "A Carolina".

Quanto ao *Periódico dos Pobres*, foi um jornal do Rio de Janeiro, aparecido em 15 de abril de 1850 para substituir *O Annunciador* que existiu nesse mesmo ano. A princípio trissemanal, passou a bissemanal e durou, pelo menos, até 22 de março de 1856, pois é essa a extensão da coleção da Biblioteca Nacional, embora Gondin da Fonseca (*Biografia do Jornalismo Carioca*, p. 318) fale em "dias do ano de 57". No Real Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro há também uma coleção, menos completa, de 1851 a 1855. Em ambas encontram-se falhas nos últimos anos.

Era propriedade e redação de Antônio Maximiano Morando, em cuja tipografia foi impresso, primeiro à rua dos Ourives, 21, depois noutros locais. Propriedade também do mesmo A. M. Morando, e por ele redigidos, foram *O Annunciador* e *A Palestra das Priminhas*, "jornal crítico e jocoso", cujo título lembra o de suas crônicas – "Visita das Priminhas" – no *Periódico dos Pobres*. De sua tipografia, já então chamada *dos Pobres*, saiu em 1855 *A Palmatória*, outro jornal também crítico. Os dois últimos estão registrados no *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, números 4365 e 4366.

O *Periódico dos Pobres* apareceu primeiramente em formato pequeno (34 x 29 cm), um pouco aumentado a partir de 1853. Parecido com *A Marmota*, na feitura, também não lhe era inferior em matéria de texto. Pretendia ser joco-sério e não publicava escritos políticos ou ofensivos. Além da prosa e versos do redator-proprietário, trazia colaboração mais ou menos efetiva dos seguintes, alguns dos quais frequentadores outro tanto d'*A Marmota*: José de Sousa Pereira da Cruz Júnior (?-1888), Nicolau Gonçalves da Silva Ferreira Viana (1826-?), português, Lourenço Máximo Pessegueiro (1829-1885), Francisco Gonçalves Braga (1836-1860), José Joaquim

Monteiro da Cruz, Pedro da Rocha Felgueiras, J. P. de Queirós Sarmiento, José Cândido de Abreu, Olímpia Augusta de Loures, P. C. Soído, M. S. Azevedo, Antônio Vilela de Castro Tavares e Lerack de Sá. No mais, charadas, logogrifos e transcrições de vários periódicos, inclusive de outro, do mesmo nome, que se publicava no Porto.

Comparamo-lo com *A Marmota*, e cabe, por consequência, uma observação. Em ambos predomina o mau gosto, não há dúvida. Em ambos se percebe que, com raras exceções, os colaboradores são principiantes. Mas isso mesmo nos leva a crer que Paula Brito e Morando foram animados do mesmo espírito de facilitar o caminho aos que se iniciavam nas letras.

Um dos colaboradores, Francisco Gonçalves Braga, merece a nossa atenção. Três anos mais velho que Machado de Assis, nasceu em Braga, veio para o Brasil com 11 anos de idade, aportando a Pernambuco e passando em 1854 ao Rio de Janeiro, onde morreu com 24 anos. Trabalhava no comércio, como caixeiro, mas dedicava-se à poesia, tendo colaborado na *Marmota Fluminense* (1854-1859), no *Album do Gremio Litterario Portuguez no Rio de Janeiro* (1858), n'*O Parahyba*, de Petrópolis (1858-1859) e nesse *Periódico dos Pobres* várias vezes durante 1854, a partir de 23 de setembro. Em 1856 publicou *Tentativas poéticas*, livro de versos. Participou também, com Machado de Assis, do grupo que se reunia no escritório de Caetano Filgueiras para tratar de literatura.

Na nossa *Bibliografia de Machado de Assis*, levado por essas circunstâncias pessoais, aliadas ao fato de que alguns dos primeiros poemas de Machado de Assis, aparecidos na *Marmota Fluminense*, foram dedicados a F. Gonçalves Braga, levantamos a hipótese de ter sido este o elemento de aproximação entre Machado e Paula Brito, e daí o ingresso do futuro autor de *Brás Cubas* entre os colaboradores daquele jornal. Acreditávamos, naquele momento, que a produção literária de Machado de Assis aparecera pela primeira vez em letra de forma na *Marmota Fluminense*. Vemos agora, pelo nosso achado, que tal primazia deve caber ao *Periódico dos Pobres*. Mas a hipótese parece que pode permanecer de pé, pois em ambos os jornais a colaboração de F. G. Braga é anterior à de Machado de Assis, o que talvez possa significar que o jovem de 18 anos abria caminho para o menino, irmanados ambos na mesma vocação, desejosos ambos de aparecer.

De qualquer maneira, aí fica a informação do nosso achado, e outros certamente não de vir, porque em matéria de bibliografia ninguém se pode gabar de trabalho perfeito.

### **O primeiro livro de Machado de Assis**

Muito se tem escrito sobre a obra de Machado de Assis. Sua bibliografia, devassada praticamente em todos os ângulos, oferecia, não obstante, um problema cuja solução vinha desafiando a argúcia dos seus constantes pesquisadores. É justamente acerca da solução desse problema que nos vamos ocupar agora.

*Desencantos* e *Queda que as mulheres têm para os tolos* são os dois primeiros livros de Machado de Assis, aparecidos em 1861. Aquele contém, sob o mesmo título, uma fantasia dramática, que não chegou a ser levada à cena. O segundo foi até pouco tempo motivo de dúvida quanto a ser, ou não, obra original.

*Queda* apareceu primeiramente n'*A Marmota*, do Rio de Janeiro, de 19 de abril a 3 de maio de 1861, sem nenhuma indicação acerca do autor, nem mesmo qualquer informe sobre ser original ou tradução. Um mês depois, aproveitada a composição tipográfica do periódico, achava-se em livro que se vendia na loja de Paula Brito. Já agora, na folha de rosto, se declara: "Tradução do Snr. Machado de Assis".

A darmos crédito aos anúncios, *Queda* deve ser considerado o primeiro livro publicado por Machado de Assis, pois, além de ter aparecido fragmentariamente n'*A Marmota* em abril-maio de 1861, já se encontra anunciado no mesmo periódico a 4 de junho. *Desencantos*, vindo à luz também em 1861, é noticiado no *Diário do Rio de Janeiro* a 4 de setembro do mesmo ano.

Dos que se têm ocupado com a bibliografia machadiana, Mário de Alencar<sup>2</sup> foi talvez o primeiro a referir-se a *Queda que as mulheres têm para os tolos*, que ele julgava peça teatral, traduzida, e da qual, embora publicada, jamais houvera visto um exemplar.

---

<sup>2</sup> Na "Advertência" em ASSIS, Machado de. *Theatro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910. p. 8.



Em face da amizade que ligava os dois escritores, custa aceitar que Machado de Assis, ainda que não dispusesse de um exemplar em sua biblioteca,<sup>3</sup> não tivesse dado ao amigo informes corretos acerca da natureza da obra. Certamente, escritor já consagrado de romances e de contos, poeta, presidente da Academia Brasileira de Letras e chamado então "chefe da literatura nacional", o esquivo caramujo empanou a perspicácia do amigo, procurando apagar mais esse vestígio dos primeiros tempos do Machadinho que ensaiava ainda um estilo e que tentava romper caminho na busca de algo mais consistente em matéria literária. Aquela obra que, em dado momento da vida, correspondeu ao seu estado de espírito, só serviria agora para documentar o mau gosto a que cedera um dia talvez para desforra de algum "desencanto".

Lúcia Miguel Pereira<sup>4</sup> põe em dúvida que *Queda* seja tradução. E explica: "Embora diga explicitamente 'tradução do Snr. Machado de Assis' sem todavia declarar o nome do autor, é tão pessoal, tem tanto o aspecto de um desabafo, que parece obra original." "Mesmo que seja tradução" – continua – "a clara inteligência de Machado de Assis só se pode ter interessado por obra tão vulgar se correspondesse, no momento, ao seu estado de espírito." Mostra que tanto *Queda*, onde se acha embrionária a "Teoria do Medalhão", quanto *Desencantos* "traem a amargura do amor desprezado". E conclui: "Comparem-se os dois textos, e ver-se-á que *Desencantos* é a aplicação da teoria contida em *Queda que as mulheres têm para os tolos*." Ainda na 5ª edição do seu *Machado de Assis* a autora mantém o mesmo ponto de vista.

Afrânio Peixoto, prefaciando a edição da Academia Brasileira,<sup>5</sup> retoma a discussão, certo de tratar-se de obra original de Machado de Assis. Vale a pena de transcrevê-lo em alguns passos:

Machado de Assis é o autor de *Queda que as mulheres têm para os tolos*. Lúcia Miguel Pereira não o omitiu, no seu incisivo e sugestivo estudo crítico. [...]

---

<sup>3</sup> Jean-Michel Massa, no seu estudo "La Bibliothèque de Machado de Assis", publicado na *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, nº 21/22, março/junho de 1961, informa que parte daquela biblioteca, cerca de uns duzentos volumes, foi doada logo depois da morte de Machado, e parte se estragou depositada numa garagem. Do que sobrou, dá-nos conta no citado escrito, mas ali, de fato, não aparece a *Queda*.

<sup>4</sup> *Machado de Assis*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. p. 98.

<sup>5</sup> Machado de Assis. *Queda que as mulheres têm para os tolos*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1943.

Parece que, saindo *n'A Marmota*, houve louvores e a edição do libelo foi animada. Somente aí, repito, com a nota "tradução do Snr. Machado de Assis". Ora, não é hábito literário – e Machado e Paula Brito eram já profissionais da letra de forma – omitir o nome do autor e tornar patente o do tradutor. Tradução de que língua? Além disto, aquele "Snr." trai o receio, se o caso chamasse a atenção, de possível defesa, dizendo-se: "foi publicada a tradução à revelia do tradutor, por terceiro", tanto que ali está o inusitado "Snr." [...] Toda a timidez de Machado de Assis já está aí. [...]

Não duvidamos, um instante, da autoria de Machado de Assis. Por que, então, mais tarde, não perfilhou a criatura, com o seu nome, entre os filhos legítimos?

É que, de autor temporão, e com esse título, o ensaio trai despeito pessoal: alguma preferiu um tolo ao Machadinho, que, na regra, generalizou... Do mesmo ano é a peça de teatro, *Desencantos*, também publicada por Paula Brito, onde vem o mesmo tema, um tolo preferido a um poeta... Circunstância adjuvante.

Ora, alguns anos após, Carolina de Novais se encarregaria de provar, ao nosso autor, que se enganara... Contra os prejuízos sociais, contra a vontade dos irmãos, dava-se a Machado de Assis, por esposa, ela, moça branca, portuguesa, a um tímido e feio mestiço, que por si tinha apenas o talento...

Perfilhar filhos espúrios, depois do casamento, não é dos usos, e, fazê-lo acarretaria a Machado de Assis dois graves inconvenientes: a injustiça ao sexo de Carolina, que o distinguira, pela vida, com o amor, e, depois o ter de, retrospectivamente, explicar-se sobre a "precursora", que, essa, se preferira um tolo, fora contudo amada pelo poeta... Machado felicitar-se-ia pelo artifício da "tradução", que, assim, ficava, definitivamente, nesse rol.

Toda essa argumentação, indiscutivelmente sedutora, levou até bem pouco tempo os biógrafos de Machado, na sua maioria, a optarem pela hipótese da obra original. Luís Viana Filho, autor de recente biografia de Machado de Assis, conclui: "Nela, temeroso de se descobrir, apresentou-se como simples tradutor; hoje não há dúvida de ser o autor".<sup>6</sup>

Essa hipótese aparentemente pacífica, porém, sofreu, há pouco, a contestação de Jean-Michel Massa, jovem e culto professor da Universidade de Rennes, na sua tese para o doutorado em Letras, apresentada à Faculdade de Letras e Ciências Humanas de

---

<sup>6</sup> Cf. VIANA FILHO, Luís. *A vida de Machado de Assis*. São Paulo: Martins, 1965. p. 50. Nós também pensávamos assim, pois, no confronto entre o texto d'*A Marmota* e o da publicação em volume, encontramos algumas emendas mais próprias da mão de autor do que da de tradutor (cf. J. Galante de Sousa. "Notas de Leitura". *Idéias e Livros*. Rio de Janeiro, mar./abr. 1951).

Poitiers.<sup>7</sup> Aí se afirma que *Queda* é tradução de *De l'amour des femmes pour les sots*, publicado sem o nome do autor em Liège e Paris em 1859, mas obra de Victor Hénau que, por sua vez, se abeberou num texto do século XVIII. O próprio autor, aliás, na "Advertência", já havia declarado: "Se tenho, pois, a pretensão de ser breve, não tenho a de ser original."

Não há dúvida de que a tradução correspondeu, de fato, ao estado de espírito do tradutor em dado momento da sua vida, como desabafo natural de quem não tinha ainda a tarimba necessária para preencher com algo literariamente mais perfeito o vazio deixado por alguém que o trocara por um "tolo". *Desencantos*, com o mesmo tema, aparece em época tão próxima de *Queda*, que confirma a tese de que ambas as obras respondem a uma necessidade psicológica de Machado de Assis naquele momento. Lembra, porém, Jean-Michel Massa que só o primeiro ato de *Desencantos* evoca o mesmo problema de *Queda*, isto é, a escolha das mulheres entre tolos e homens de espírito. Ao contrário de *Queda*, que termina com esta afirmação: "Sim, é mister ousar tudo com as mulheres", *Desencantos* acaba bem, pois Luís, o poeta, chega a casar-se com Clarinha, filha de Clara, que o havia trocado por Pedro, o homem prático.

Seja como for, Jean-Michel Massa resolveu um dos mais difíceis problemas da bibliografia machadiana. Sabemos agora tranquilamente que a sátira em prosa não é obra de Machado de Assis, não lhe cabendo, portanto, a responsabilidade do mal que ali se diz das mulheres, senão como seu divulgador um tanto despeitado.

### **Uma comédia de Machado de Assis**

*As forcas caudinas* é o título de uma comédia de Machado de Assis, cujo manuscrito foi encontrado por Eugênio Gomes em 1953 entre os papéis do antigo Conservatório Dramático Brasileiro, pertencentes à Biblioteca Nacional, que ele então dirigia. O manuscrito não traz data nem assinatura, mas a letra é incontestavelmente de Machado de Assis.

---

<sup>7</sup> MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis: ensaio de biografia intelectual*. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. p. 319. O original, em francês, sem data, apareceu em 1970.

O mesmo Eugênio Gomes, em trabalho publicado no *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1953, deu conta do seu achado e do enredo da comédia. Identificou-a pelo contexto, servindo-se do elemento literário de outras comédias do autor, e, baseado nesses dados, situou a composição da peça entre os anos de 1859 e 1864.

A letra e o estilo, este talvez mais do que aquela, seriam já uma prova da autoria, para não falar no testemunho de Inocêncio Francisco da Silva, Sousa Bastos e Múcio da Paixão, em cujos trabalhos se menciona a comédia. Há mais, entretanto. Há outra prova indiscutível que passamos a examinar.

O texto da comédia está quase integralmente reproduzido no conto "Linha reta e linha curva", que o autor publicou no *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, de outubro de 1865 a janeiro de 1866, e reeditou em *Contos Fluminenses* (1870), p. 269-354.

O assunto é o mesmo, na comédia e no conto. O nome de três personagens e a condição social de um deles é que mudaram. Assim, o casal Ernesto Seabra e Margarida, da comédia, transforma-se em Azevedo e Adelaide no conto; ao coronel russo, Aleixo Cupidov, da comédia, corresponde, no conto, Diogo Franco, "um velho gaiteiro". Surge ainda, na narrativa, um personagem novo, a tia de Emília.

Essas modificações, o bom gosto, a técnica, etc., obrigaram o autor a fazer alguns cortes, acréscimos e alterações, resultando disso apresentar o conto maior variedade de cenas. O diálogo da comédia, porém, é reproduzido literalmente em mais da metade dentro do conto. Para termos uma idéia do aproveitamento do texto da comédia, basta verificar que os diálogos encontrados nas páginas 272-279, 281-292, 300-303, 313-319, 320-323, 334-339 e 348-352 de *Contos Fluminenses* (1870) são os mesmos da comédia, com as variantes, apenas, exigidas pela técnica do gênero, ou resultantes da modificação de situações.

Resta-nos mostrar que a comédia foi escrita antes do conto.

O manuscrito apresenta emendas, supressões e acréscimos, do próprio punho do autor. O texto do diálogo, no conto, reproduz, com raras alterações, a versão definitiva da comédia. Não pode, portanto, caber ao conto a primazia da composição. Teríamos de admitir que, ao transformar o conto em comédia, o autor alterasse o texto dos diálogos e depois, reformando esse mesmo texto na comédia, voltasse exatamente à redação

primitiva. Não seria natural.

Ainda mais. Ernesto e Margarida, na comédia, estão em lua de mel há cinco meses e todas as vezes em que se fala nisso não se faz alteração desse número. No conto, resolveu o autor modificar para três meses, e diz: "A nossa história começa exatamente três meses depois da ida para Petrópolis." Adiante põe na boca de Azevedo estas palavras: "O que não é brincadeira é que os três meses do nosso casamento parecem-me três minutos...". Pouco depois, Tito pergunta ao casal: "Há quantos meses se casaram?" Segue então esta conversa: "– Três meses fazem domingo, respondeu Adelaide. – Disse há pouco que me pareciam três minutos, acrescentou Azevedo. Tito olhou para ambos e disse sorrindo: – Três meses, três minutos! Eis toda a verdade da vida. Se os pusessem sobre uma grelha, como São Lourenço, cinco minutos eram cinco meses." Já aí começou o equívoco do autor no paralelismo: três meses, três minutos; cinco minutos, cinco meses. E, prosseguindo na leitura do conto, encontramos: "É que a lua de mel continua apesar dos cinco meses, disse Tito." Mais adiante, o mesmo Tito responde a Azevedo: "Concluístes como um marido de cinco meses". Isso prova que o autor se deixou influenciar pelo texto da comédia, que tinha naturalmente debaixo dos olhos ao redigir o conto. Quis, no conto, modificar para três meses o tempo da lua de mel do casal, e assim o fez no início. Depois, levado pela redação da comédia, escreveu *cinco* onde deveria ter posto *três*, fato explicável por ter sido o conto publicado fragmentariamente.

Acresce ainda notar que há, no conto, certos dizeres pouco adequados às situações. Assim, na comédia, enquanto se acham todos no jardim da casa de Azevedo, Tito expõe a Emília as razões pelas quais se julga incapaz para amar. Menciona cinco motivos: os quatro primeiros na 5<sup>a</sup> cena, e o último na 6<sup>a</sup> cena, ambas do primeiro ato. Isso num diálogo de poucos minutos, ininterrupto. A última razão é exposta da seguinte maneira: "Tito: – Ora deixe-me dizer-lhe a última razão da minha incapacidade para os amores. Emília: – Sou toda ouvidos. Tito: – Eu não creio na fidelidade." No conto, os quatro primeiros motivos são ditos na casa de Azevedo, e o último, oito dias depois, em casa de Emília. O autor conservou, para a exposição da última razão, as mesmas palavras que usou na comédia, sem procurar reatar o assunto, isto é, sem que Tito faça a menor referência aos motivos anteriores, expostos oito dias antes.

Esse e outros desencontros entre o texto e as situações do conto foram motivados naturalmente por ter o autor modificado as situações da comédia, aproveitando o seu texto.

Demonstrado que a composição da comédia é anterior à do conto, fica provado também que isso aconteceu antes de outubro de 1865, data da publicação do primeiro fragmento da narrativa no *Jornal das Famílias*. Por outro lado, é muito provável que a comédia não tenha sido escrita antes de 1863, pois, numa das cenas, o coronel russo, que se achava em licença, declara ser obrigado a voltar ao serviço do exército em virtude de uma revolução que acabava de estourar na Polônia. É certamente a de janeiro de 1863, cujo desfecho inspirou ao próprio Machado de Assis o poema "Polônia", publicado primitivamente n'*O Futuro* em 15 de março de 1863.

Observe-se ainda que no manuscrito da comédia há a declaração de que a cena se passa em Petrópolis, na atualidade. O conto começa justamente por estas palavras: "Era em Petrópolis, no ano de 186.. . Já se vê que a minha história não data de longe. É tomada dos anais contemporâneos e dos costumes atuais." Podemos então estar certos de que a comédia foi escrita entre os anos de 1863 e 1865.

Nas listas de peças censuradas pelo Conservatório Dramático no período de 1861 a 1864, existentes na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, não consta a comédia de Machado de Assis. Certamente foi incluída no acervo do Conservatório por acaso, ou então deu realmente entrada naquela instituição para censura, mas já nos seus últimos dias de vida (maio de 1864).

Convém lembrar também que o manuscrito está crivado de emendas do próprio punho do autor, assim como de outras de mão desconhecida, para a correção de erros manifestos ou esclarecimento de palavras pouco legíveis. Algumas, poucas é verdade, desfazem confusões entre os nomes dos personagens e enganos com outros que não pertencem à comédia. Parece que essas confusões em Machado de Assis são mais frequentes do que se pensa. Também as há no manuscrito do *Memorial de Aires*, sendo que aí as que se verificam entre os nomes de *Fidélia* e *D. Carmo* são tantas, que levaram Lúcia Miguel Pereira a dizer: "...cada vez que pensava numa, a figura da outra lhe acudia ao espírito, como se as confundisse. Confundi-las-ia também o coração?"

O descobrimento do manuscrito, se nada acrescenta ao valor literário de

Machado de Assis, como teatrólogo, veio tornar *As forcas caudinas* um dado real na obra machadiana.

A comédia ficou inédita até 1956, quando R. Magalhães Júnior a publicou numa coletânea de contos de Machado de Assis, a qual ele organizou e intitulou *Contos sem data*.

José Galante de Sousa

José Galante de Sousa no Rio de Janeiro em 1913, trabalhou no Instituto Nacional do Livro e participou da Comissão criada em 1952 pelo Ministério da Educação e Cultura para preparar o texto definitivo das obras completas de Machado de Assis, sobre quem publicou: *Bibliografia de Machado de Assis* (1955); *Fontes para o estudo de Machado de Assis* (1958); e *Machado de Assis e outros estudos* (1979). Recebeu o prêmio especial da Academia Brasileira de Letras, em 1958, pela publicação de *Bibliografia de Machado de Assis*. Chefou o Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Morreu em 1986.